



RELICI

OLHAR OU NÃO OLHAR PARA CIMA: REPRESENTAÇÕES SOBRE PODER, JUSTIÇA E DESIGUALDADE¹

*TO LOOK OR NOT TO LOOK UP: REPRESENTATIONS ABOUT POWER,
JUSTICE AND INEQUALITY*

Cristina Zacksesk²

José Leonardo Cavalcanti Magalhães³

RESUMO

Este trabalho aborda a força de posturas negacionistas na cena política contemporânea, enfatizando as dificuldades de contrapontos vindos da comunidade científica e da comunicação social. A análise aqui é feita a partir do filme “Não olhe para cima” (EUA, 2021), dirigido por Adam McKay, utilizando-se de categorias teóricas das ciências sociais, da criminologia e da filosofia, dialogando com autores como Zygmunt Bauman, Michel Foucault, Howard Becker, Guy Debord, Didier Fassin e Eugenio Raúl Zaffaroni. Procura-se dar destaque aos atores da “comédia-catástrofe”, suas posições de poder, seus limites de compreensão e de atuação para lidar com situações de crise que impactam em noções de igualdade, justiça e sobrevivência.

Palavras-chave: negacionismo, cinema, política, criminologia, justiça.

ABSTRACT

This work addresses the strength of denialist postures in the contemporary political scene, emphasizing the difficulties of counterpoints coming from the scientific community and the media. This analysis is based in the movie “Don’t Look Up” (USA, 2021), directed by Adam McKay, using theoretical categories from social science, criminology, and philosophy, in dialog with authors such as Zygmunt Bauman, Michel Foucault, Howard Becker, Guy Debord, Didier Fassin and Eugenio Raúl Zaffaroni.

¹ Recebido em 12/12/2022. Aprovado em 19/12/2022. DOI: doi.org/10.5281/zenodo.7772191

² Universidade de Brasília. cristinazbr@gmail.com

³ Universidade de Brasília. josecavalcante@sbt.com.br



RELICI

Zaffaroni. It's been sought to highlight the “disaster-comedy” actors, their position of power, their acting and comprehension limits to deal with crisis situations, which impact notions of equality, justice, and survival.

Keywords: denialism, cinema, politics, criminology, justice.

INTRODUÇÃO

"Quero morrer dormindo em paz como o meu avô.
Não gritando aterrorizado como os passageiros dele".
(Jack Handey)

Na falta de um gênero cinematográfico mais apropriado para se encaixar, o filme do diretor Adam MacKay, “Não olhe para cima”, lançado em dezembro de 2021, foi classificado como comédia-catástrofe – mais um chiste do que uma tentativa de orientação do público, ou instrumento para facilitar análises. O longa-metragem (2:23), inicia estampando as frases destacadas acima e nele são apresentadas questões fundamentais do debate contemporâneo mundial.

Entre o público brasileiro, nos 30 primeiros dias a partir do lançamento na Netflix, a repercussão nas redes sociais quadruplicou a busca pela palavra “negacionismo”. O ponto principal se refere ao *status* da ciência e ao desenvolvimento da tecnologia (indústria e comércio tecnológico), que sobrepujam os problemas ambientais, a veracidade na comunicação e as próprias possibilidades de continuar existindo neste planeta. Em alguns momentos o filme lembra *A Era do Gelo 5 (Big Bang)*, que retrata esforços de personagens pré-históricos para evitar que um meteoro atinja a Terra. Mas eles têm finais distintos. Em apertada síntese, na animação os bichos vencem a ameaça num esforço cooperativo; no filme, poucos humanos sobrevivem, e são os piores tipos. É representativo o fato de que os sobreviventes sejam justamente aqueles que não queriam que a população olhasse para cima, criando e reforçando posturas negacionistas, ainda que pelo menos uma



RELICI

parte deles – justamente os líderes – tenha praticado crimes de lesa humanidade, no mais alto grau, como se verá no desenvolvimento do texto. Não há julgamento final para tais privilegiados, que escapam da justiça terrena.

“Não Olhe para Cima” traz uma observação provocativa no cartaz – “Baseado em fatos possivelmente reais”. Nele dois astrônomos sem nenhum destaque no campo acadêmico, ligados à *Michigan State University* – a 83ª colocada num dos *rankings* dos EUA –, descobrem que um cometa de grande extensão (de 5 a 10 quilômetros de diâmetro) atingirá a Terra em 6 meses e 14 dias. Analisaremos alguns elementos de destaque sobre essa produção de grande elenco, a partir de autores como Bauman, Foucault, Becker, Debord, Fassin, Zaffaroni e categorias teóricas das ciências sociais, da criminologia e da filosofia.

Como citado, a temática do filme é o negacionismo, que se tornou uma expressão difundida, especialmente depois da pandemia do Coronavírus. O controle da COVID foi dificultado justamente pela não compreensão do senso comum sobre os alertas que os cientistas passaram a fazer no início do ano de 2020 no que dizia respeito à gravidade da situação, às formas de prevenção do contágio e acerca da necessidade de investimento na produção de vacinas, com todo o custo para a liberdade que os cuidados implicaram, e os impactos econômicos relacionados.

O Brasil deu exemplos de sobra sobre as consequências do negacionismo, com um Governo Federal “terrivelmente evangélico” na escolha das pessoas em posição de poder – um capítulo sinistro do fundamentalismo à brasileira. Para dar destaque somente a um episódio que causou repercussão, vale a declaração do Ministro da Saúde brasileiro à época, reproduzindo uma fala do Presidente:

Nós queremos ser, sim, o paraíso do turismo mundial. E vamos controlar a Saúde, fazer que a nossa economia volte a gerar emprego e renda. Essa questão da vacinação, como realcei, tem dado certo porque nós respeitamos as liberdades individuais. O presidente falou agora há pouco: 'Às vezes, é melhor perder a vida do que perder a liberdade'.



RELICI

(https://cultura.uol.com.br/noticias/44760_melhor-perder-a-vida-do-que-perder-a-liberdade-diz-queiroga-apos-nao-adotar-passaporte-da-vacina.html - Acesso em 15/01/22)

Num período de cerca de 2 anos (desde o final de 2019 até novembro de 2021) foram registradas mais de 5 milhões de mortes em todo o mundo (<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/mundo-passa-a-marca-de-5-milhoes-de-mortes-causadas-pela-covid-19/> - acesso em 29/01/2022). Não estamos dizendo que aqueles que morreram preferiram a morte à perda da liberdade, mas a percepção e a atitude dos líderes mundiais diante da ameaça do vírus nos fazem lembrar do que em Criminologia poderíamos referir como "profecia autorrealizável" – cujo conteúdo pode se resumir na seguinte sentença: "Se algumas situações são definidas como reais elas são reais nas suas consequências", conhecida como Theorema de Thomas (Baratta, 1999, p. 93).

Esta profecia é invocada pelos teóricos da Reação Social (Becker, 1963; Shur, 1971) tributária do Interacionismo Simbólico, que inaugura uma nova forma de observação e tratamento da realidade, que leva em consideração a atividade do sujeito que interpreta as coisas (fatos, situações etc.), pois não há uma realidade objetiva que se possa conhecer, especialmente quando se trata de fatos sociais, visto que eles não têm uma existência física. O destaque recai, portanto, nos sujeitos cognoscentes, sobre os processos de definição e em suas consequências, que neste texto serão enfatizadas a partir da narrativa do filme.

OS ATORES DA COMÉDIA-CATÁSTROFE

Existem, como em todo filme, os protagonistas, que neste caso são cientistas. Mas pouco a pouco a trama introduz políticos, militares, jornalistas, artistas e pessoas comuns, como familiares dos protagonistas e frequentadores de lugares públicos e comércios, com destaque para os cinco primeiros citados. O que



RELICI

tentamos explorar no decorrer deste texto é a compreensão dos problemas atuais sobre desigualdade e justiça social que pode ser facilitada pela seguinte pergunta: como se comportam essas categorias de pessoas, com seus respectivos interesses e visões de mundo, diante da mensagem de que o mundo vai acabar? Quais são as implicações desses comportamentos?

Os militares

Logo no início do filme a personagem de Rob Morgan – Doutor Teddy Oglethorpe, Chefe do Departamento de Coordenação de Defesa Planetária – leva os cientistas ao gabinete da Presidenta, interpretada por Meryl Streep, que está acompanhada de seu filho, Jason (Jonah Hill). Na antessala da Presidenta, o general Scott Themes (Paul Guilfoyle), que representa o Pentágono, vende salgadinhos aos famintos cientistas. Esta atitude é rememorada em outros momentos do filme pela cientista mulher, a personagem Kate Didiasky (Jennifer Lawrence), sempre com revolta, pois ela logo descobre que é tudo de graça na Casa Branca. Existem alguns memes que reproduzem a indignação da cientista, reforçando o absurdo retratado no filme em todos os sentidos:



RELICI

Figura 1

a personagem da Jennifer enquanto o meteoro se aproxima da Terra ✨



A sátira questiona a imagem de rigidez moral dos militares, mas a alegoria principal se apresenta de maneira mais contundente na cena seguinte, quando o general recebe uma mensagem no celular e avisa:

“- Desculpem, preciso estar em Okinawa, às 14h”. A cientista que descobriu o cometa se surpreende: “- Fala sério!” O militar, então, responde, como se estivesse recebido uma missão inegociável: “- Preciso acalmar os nativos”. A pergunta seguinte da cientista fica sem resposta: “- Não é importante ele estar com a gente?” O paradoxo que se apresenta é: imersos na hierarquia e no cumprimento de ordens, os próprios militares não conseguem hierarquizar a importância das missões.

Em outro momento, um militar aposentado, Benedict Drask (Ron Perlman), ganhador da medalha do Patriota, é chamado para liderar a força-tarefa responsável por destruir o cometa. “- Washington sempre precisa de um herói”, explica Oglethorpe. A missão é abortada, entretanto, sem qualquer participação do “líder” no processo decisório. O coronel reformado (Drask) não precisaria nem mesmo estar na missão. O cientista homem, Randall Mindy, interpretado por Leonardo DiCaprio,



RELICI

alerta para o fato de que os veículos podem ser controlados da Terra, sem necessidade de tripulação. Se Washington precisa de heróis, militares precisam de brinquedos tecnológicos para se entreterem, e isso vale tanto para os Estados Unidos quanto para o Brasil – rememoremos os casos do submarino à propulsão nuclear para a Marinha e os caças Gripen para a Aeronáutica. Nestes dois casos, inclusive, os processos foram iniciados em governos de esquerda, o que mostra que a tentativa de “controle” dos militares por parte de quem está no poder não tem ideologia.

No Brasil, nos últimos anos, se criou também a suposta necessidade de convidar generais para lugar de destaque em espaços públicos-políticos, como compor chapas presidenciais, ministérios ou assumir cargos de secretários de segurança nos estados. O intuito é vincular a imagem dos militares aos mandatários. Segundo pesquisa Datafolha de abril de 2019, as Forças Armadas eram a instituição mais confiável para os brasileiros (45% diziam “confiar muito” no Exército, na Marinha e na Aeronáutica).

O uso desta imagem parece não incomodar os militares – ou pelo menos parte deles, desde que em troca recebam cargos fora dos quartéis. Com equipamentos de ponta e funções comissionadas, tem-se a impressão de que os militares estão prestando serviços relevantes. Mas ao contrário do que eles mesmos possam imaginar, correm o risco de ver adiante o efeito contrário, transfigurando-se o sentido de eficiência e logística das FFAA aos olhos da população. Tal debate ocorre na própria caserna, mas ganha força apenas com a saída de um integrante graduado das Forças Armadas no governo, como no caso de generais da reserva que embarcaram no governo Bolsonaro e depois deixaram seus postos.

Os políticos e sua entourage



RELICI

Pessoas em posição de poder em geral se cercam de um séquito cuja função é apenas reforçar os movimentos do chefe. É o que estamos nos referindo como sendo a *entourage*. No caso do filme, os assessores podem até mesmo se "exonerar vergonhosamente", assumindo culpas dos chefes para não prejudicar disputas eleitorais e desapontar financiadores.

Chama atenção o fato de que o chefe de gabinete da Presidenta é o seu próprio filho, que decide espaços na agenda e práticas dos órgãos de controle. Ele oscila entre "- Sou chefe de gabinete!" e "- Desculpe, mãe!". O mimado Jason justifica a demora no ingresso dos cientistas no gabinete dizendo: "- Nos dê 5 minutos. Deu problema com o nosso indicado à Suprema Corte."

Além disso, eles estão há menos de três semanas para as eleições legislativas e, claro, havia uma festinha de aniversário inadiável preparada no gabinete. Mais tarde Jason também confessa que mandou cobrir a cabeça da cientista com um saco, sem que isso fosse procedimento do FBI. Por essa e por outras, parte do público nas redes lembrou da família Bolsonaro pela presença constante dos filhos do Presidente em viagens, decisões e também na tentativa de nomeação para cargos, inclusive de Embaixador do Brasil nos Estados Unidos.

Parece que nem aqui nem ali, nem em muitos outros lugares, reais e imaginários, sequer se ouviu falar em nepotismo. Ao mesmo tempo, os políticos ou assessores mais ponderados estão fora do filme, afinal tudo se mede a partir da audiência, seja vinda da popularidade presidencial seja da própria mídia.

As celebridades

Em dois momentos o filme explora o foco da mídia num casal de artistas – Riley Bina e DJ Chello – e estes trechos nos permitem pensar nas nossas formas de vida, desejos e valores contemporâneos, no conceito de Sinóptico de Zygmunt



RELICI

Bauman (1999) e na ideia de capitalismo artista desenvolvida por Gilles Lipovetsky e Jean Serroy (2015). Num primeiro momento do filme a atenção da mídia estava voltada para a separação do casal em virtude de uma traição dele. A reviravolta ocorre ao vivo, pois ele entra no ar durante entrevista dela e a pede em casamento, que o desculpa e aceita o pedido para delírio do público (ou pelo menos dos apresentadores, que induzem esse efeito).

O anúncio seguinte, que assume contornos desastrosos tratados na sequência deste texto, seria o da chegada do cometa. As pessoas estão mais interessadas nas histórias de traição, vivendo fantasias projetadas, do que cientes da gravidade dos problemas que as afetam direta e cotidianamente.

Bauman, ainda no Século XX, falava do Sinóptico, dialogando com Foucault (1987), em contraposição ao conceito de Panóptico (a visão e o controle sobre todas as coisas), que persiste como referência obrigatória no tema da vigilância, pois inaugura uma narrativa sobre o controle que permite a observação de uma sequência factual e teórica, assumindo o sentido popular de clássico.

O alerta de Bauman para o conceito de Sinóptico é providencial para a compreensão dos fatos sociais contemporâneos e para o desenvolvimento teórico, pois impacta no campo dos estudos do controle, para o qual é central a ideia (aparentemente simples) de que as mudanças nas formas de vida implicam em alterações nos mecanismos de controle, e que tem sua versão marxista no reverenciado (embora pouco lido) “Punição e Estrutura Social” (1999), de Rushe e Kirchheimer.

O controle Panóptico servia muito bem para uma sociedade que necessitava do treinamento para uma força de trabalho rude e despreparada para o processo fabril. Depois da Revolução Tecnológica essa necessidade se transforma (embora não morra, fazendo com que haja a persistência de um resíduo de tal tipo de



RELICI

controle), visto que, segundo Bauman, não há trabalho para todos e não há trabalho urgente a fazer (1999, p. 139). Isso faz com que sejam dispensadas em certa medida as antigas tecnologias de condicionamento ao trabalho, que ultrapassaram as duas fases da Revolução Industrial e foram posteriormente identificadas com o sistema fordista (Bergali, 2005; De Giorgi, 2005) e passe a ser gestado um tipo de controle das massas que não são mais aproveitáveis pelo sistema produtivo, tanto pelo excesso de pessoas quanto pela automação da produção, com menos chances ainda de inserção no "topo da cadeia alimentar", a não ser por alguns exemplares cuidadosamente cooptados, como acaba sendo o caso de Randall Mindy no filme.

Este tipo de controle seria o Sinóptico, que Bauman define como um controle no qual os efeitos do poder são produzidos pelo fascínio de alguns personagens destacados pelos meios de comunicação, o que se complexifica ainda mais com as redes sociais, pois contribui para este efeito a participação voluntária de atores que reproduzem mensagens irrefletidamente, e de robôs que as personificam.

O programa *Big Brother* Brasil, que já teve sua enfadonha 22ª edição, não é exemplo do Panóptico e sim do Sinóptico. Aquelas pessoas não estão naquela "casa" aprendendo a trabalhar, elas estão produzindo efeitos homogêneos de poder, e tal poder é, de um lado, o de desnudar a pobreza de espírito de alguns de seus participantes, permitindo a realização da ideia de que nossos sentimentos e comportamentos também podem ser assim, e de outro, de indicar modos de vida desejáveis e possíveis.

De outro lado, e de forma complementar, Lipoversky e Serroy se dedicam a pensar na ideia de capitalismo artista, no qual o triunfo do capital está atrelado à perda de encantamento com o mundo e desvanecimento das perspectivas de uma vida harmônica diante de tanta pobreza, precarização e desigualdade. Eles enfrentam tema do papel das celebridades dizendo:



RELICI

Não consumimos mais apenas produtos, filmes, locais turísticos, música, mas também o espetáculo das celebridades como maneira de encantar, de singularizar-personalizar-afetivizar o mundo tecnomercantil impessoal. Quanto menos as culturas de classe estruturam os comportamentos, menos os produtos se mostram capazes de, por si sós, estimular o consumo: nesse contexto, é necessária a imagem espetacular, a sedução, figuras capazes de "humanizar" o universo mercantil. O hiperconsumo está em busca de novidades contínuas, mas deseja igualmente o reconhecível, pontos de ancoragem, laços sentimentais. Se a starmania não pode ser separada dos desejos de evasão e de sonho, ela deve também ser vinculada à necessidade de encontrar figuras conhecidas e amadas num mundo de mudança perpétua e acelerada. As novas egérias têm por função trazer sonho, encanto e personalização para um universo de anonimato tecnológico. O espetáculo das celebridades é o que vem preencher o vazio que acompanha a individualização extrema das nossas sociedades, a balcanização das referências coletivas e a impessoalidade do mundo técnico. É pouco provável que as novas correntes que valorizam, contra o hiperconsumo, o modesto, o discreto, a simplicidade, possam questionar fundamentalmente o prazer que acompanha as imagens conhecidas, amadas, espetaculares do star-system. (Lipovetsky & Serroy, 2015, p. 167)

Viver a vida dos outros é uma saída que assume o *status* de honrosa, por mais horrorosa que seja. Em que mundo – senão neste – alguém pode se realizar com as imagens de felicidade das celebridades? Tal realização pode ser um indicativo do quão doloroso é viver a própria vida, estar na própria pele, mas no filme o impacto é criado justamente pelo adormecimento que esta "lógica" propicia – se o mundo vai acabar não importa mesmo que tenhamos que viver como se pudéssemos viver a vida dos outros, com sofrimentos e angústias, alegrias e êxitos, todos terceirizados. Se "estar vivo e viver feliz são as causas finais da política" (Aristóteles *apud* Fassin, 2018, p. 16) é possível pensar que grande parte das pessoas retratadas no filme já estava mesmo morta, e por isso a luta pela integridade do planeta já não fazia o menor sentido.

Em momento posterior, as celebridades fazem *shows* para reunir o público em torno da "campanha" da credibilidade da mensagem da descoberta, pois é nisso que acaba se resumindo o alerta da colisão do cometa com a terra – em uma



RELICI

disputa eleitoral polarizada – de novo, como se isso fizesse algum sentido naquela altura dos acontecimentos. Por mais que eles adiram à campanha do alerta do perigo e não à da sua negação, o artifício utilizado é o mesmo da outra campanha. Este fato é compreensível tendo em vista as dificuldades da comunicação acadêmica para o grande público, como se verá a seguir.

A mídia e a comunicação científica

Mesmo na iminência do mundo acabar, esse não é um tema tratado com a devida seriedade. No programa *The Daily Rip*, dos apresentadores Jack (Tyler Perry) e Brie (Cate Blanchett), onde a notícia da catástrofe é apresentada, o tom é o da "leveza e descontração". Ali "O astrônomo bonito pode voltar, a moça que grita não", embora precise de algum treinamento de mídia, pois "é meio lento". As exigências deste tipo de comunicação são outras, com outra velocidade, e "sem matemática!" como são advertidos os cientistas, dado o fracasso da tentativa de explicação mais técnica para a Presidenta.

As informações são redimensionadas. Até mesmo o tamanho físico da ameaça muda, passando o cometa a ter "de 6 a 9 quilômetros". A academia não se comunica facilmente com o senso comum; isso é de fato um problema sem solução conhecida e com graves consequências, como a destruição da vida e dos recursos naturais, relacionadas ao aparecimento de pragas e enfermidades como a da atual pandemia, o que pode ser visto claramente nas notícias sobre os Acordos do Clima, cuja diferença para com o drama do filme é basicamente o tempo de relógio, pois há muito já se fala no "ponto de não retorno" – momento em que a devastação atingiria níveis tão altos que seria impossível a vida na Terra, sem qualquer possibilidade de reversão.



RELICI

Raúl Zaffaroni, em “A Palavra dos Mortos”, traz capítulos fundamentais sobre isso quando discute a comunicação científica e a comunicação midiática, chamando de ingênuos os criminólogos acadêmicos, pois eles têm considerável dificuldade em emplacar suas pautas, sendo muitas vezes derrotados pelos criminólogos midiáticos, que ele chama de sábios, tendo em vista as respostas fáceis que conseguem entregar aos problemas do momento, restritas a um tipo de conhecimento do cotidiano, visto que tais respostas acomodam-se melhor na cabeça dos angustiados destinatários (Zaffaroni, 2012). Ou seja, as pessoas precisam de respostas aceitáveis, ainda que sejam apenas crenças, mas se essas crenças forem baseadas em possíveis experimentos, melhor. Seria como aceitar que o mundo vai acabar, mas irmos bem contentes queimar nesse fogo acreditando piamente que é só um chamuscado, ou mesmo que existe reencarnação.

Uma parte do problema é o treinamento que recebemos, de parte a parte. De um lado a formação dos jornalistas para uma dita comunicação objetiva e “mais leve”, somada ao interesse econômico das empresas do setor das comunicações, e de outro a formação dos acadêmicos para uma comunicação “mais sofisticada”. No mundo jurídico, na área da saúde, na economia, e outras de fundamental importância, isso é sensivelmente agravado por uma linguagem elitista que funciona muito bem como reserva de mercado e como fator de exclusão das possibilidades de vida mais estáveis dentro de padrões alcançados por algum pacto civilizatório. Mas uma coisa é certa: não existem respostas fáceis para questões difíceis. Como fazer *posts* e memes para explicar descobertas científicas? Quantas pessoas são capazes de ler e entender e reter uma comunicação que não se resume a três ou quatro linhas adornadas por uma imagem coloridinha?

Entender a complexidade do mundo é gastar um tempo considerável nesta tarefa e na realidade brasileira tem ficado cada vez mais claro o que pensam os



RELICI

governantes a esse respeito: 1. Que não é necessário; 2. Que dá para ganhar dinheiro sem se preocupar com isso; 3. Que pensar não é para todo mundo, 4. Que existem outros “investimentos” mais rentáveis, e assim por diante. A gamificação como tendência na educação traduz bem esta ideia: no jogo o aprendizado é indolor. Porém, tal “aprendizado” é efêmero e desqualificado no sentido de que essa mesma tecnologia não incentiva a leitura, a reflexão e o poder resultante da troca produzida na horizontalidade, que segue sendo a representação dos processos democráticos. A gamificação que não seja mero complemento parte da suposição da incapacidade do interlocutor para o pensamento abstrato, para as operações complexas, para o tempo da leitura e da escrita.

A comunicação difícil dos cientistas com a população, que aparece inicialmente através da mídia, chamou a atenção da comunidade científica brasileira. Porém, algumas análises ficaram um tanto enviesadas, pois acabaram aceitando a sátira parcialmente – como se isso fosse possível. Em artigo publicado no portal de notícias UOL em 29/12/21 um trio de cientistas discute os "estereótipos" presentes no filme e os prejuízos para a ciência que podem resultar do seu impacto. (<https://noticias.uol.com.br/opiniao/coluna/2021/12/29/opiniao-nao-olhe-para-dentro.htm>, Acesso em 31/12/21) Isto equivale a dizer que a “igreja da ciência” não pode ser alvo de críticas e objeto de piadas, enquanto pode sim, tanto quanto a política, o mundo *business* e tudo mais. Aliás, é por isso mesmo que essa categoria da comédia-catástrofe possivelmente se consagre.

A autossuficiência da academia em parte das vezes faz com que cientistas esqueçam uma lição simples de Howard Becker, em “Segredos e truques da pesquisa”, quando ele diz que uma história científica:

(...) tem que nos levar daqui para ali de tal maneira que, ao chegarmos ao fim, possamos dizer: sim, este é o modo como deve terminar. Assim, tentamos construir uma história sobre o nosso tema, uma história que inclua tudo que pensamos que ela deve ter (do contrário, será incompleta de



RELICI

alguma forma crucial) e reúna isso de uma maneira que 'faça sentido' (Becker, 2008. p. 23).

Ao mostrar a polarização do mundo atual a partir da mensagem, olhar ou não olhar, o filme não resume a ciência como o lugar da objetividade, da segurança e do compromisso com a verdade. Ele resume as falhas deste universo na visão rasa, e esse ponto não é percebido pelos autores do texto referido acima, que exibem suas credenciais de vários campos científicos para falar sobre o que aparentemente não entenderam. Eles também “polemizam” a sociedade do espetáculo (Debord, 1967), representada numa espécie de “comícios do fim do mundo”, mostrando que o lado do “olhe” também embarca e perverte o apelo, mas é exatamente isso que é importante notar, que nós (acadêmicos ingênuos) também podemos cair no conto do vigário, e mais do que isso, que às vezes é necessário lutar com as armas que desprezamos, ainda que muito nos custe. Lutar com as armas do outro pode custar caro depois, pois ao fazê-lo saímos do nosso lugar de atuação, dos argumentos, da política, para depois sofrer acusações sobre o quanto mortíferos também podemos ser, talvez até com menos competência, porque a pólvora não é o nosso combustível.

No filme, a mídia não salva a ciência, ao contrário, serve ainda mais para confundir. Se no passado recente, os jornais conseguiam impor determinada agenda a partir de definições editoriais próprias, hoje a audiência, medida segundo a segundo por aplicativos, define os temas. Assim, só há investimento – vale lembrar que reportagens custam dinheiro – em determinado tema se houver “tração” por parte do público.

A autossuficiência de repórteres e editores depende cada vez mais daquilo que o público quer ver. Assim, se a audiência está mais interessada no final do namoro de celebridades, é mais acertado retroalimentar o assunto. No limite,



RELICI

chegamos à comparação absurda de Zaffaroni: “Imaginem que os meios de comunicação de massa – e em especial os de grande audiência ou circulação – estivessem dedicados ao curandeirismo e a desacreditar a ciência médica, e que todos se convencessem de que a verdade estava ali e os políticos, pressionados pela opinião pública, tivessem que adequar sua política de saúde às exigências dos curandeiros.” (Zaffaroni, 2012, p. 25). Como se vê, não estamos tão longe da “comparação absurda”.

Os empresários

Existiam planos da NASA para desviar a órbita do cometa e salvar o planeta. Porém, esses planos são atravessados pelo fabricante de celulares, o CEO da BASH Viida, Peter Isherwell – interpretado por Mark Rylance. Ele – que também foi o principal financiador da então candidata à Casa Branca – recebe a notícia de um astrônomo do México e convence a presidenta a abortar a missão porque os seus astrogeólogos descobrem que seriam perdidos estimados 32 trilhões de dólares em minerais, necessários para a produção de celulares, e que ficaram "escassos porque a China colocou suas garras de panda" nos elementos disponíveis no planeta.

Os celulares produzidos pela BASH são representados como coisas mais importantes que a espécie humana. A empresa financia uma missão que não desviaria a órbita do cometa e sim fixaria robôs (DEABS), que fragmentariam o cometa em pequenos pedaços que cairiam na terra e poderiam ser aproveitados. Mas o cientista questiona o CEO no seguinte diálogo:

- Está preocupado com a sincronia das explosões dos DEABS?
- Ai doutor, sempre há dúvidas, receios e..
- Tenho um relatório aqui de uma Dra Inez.. se puder ler o estudo.
- Oh, obrigado.
- Muitos colegas foram retirados ou saíram deste projeto, aparentemente por perguntar demais a respeito desta missão. Só quero garantir que você



RELICI

esteja aberto à revisão por pares, não só abordando a missão como empresário.

- Você me chamou de empresário?
- O senhor tem uma empresa.
- Você acha que me conhece?

O empresário se enfurece com o cientista porque ele afirma que é ele quem o conhece, pois "- A BASH tem mais de 40 milhões de dados pessoais seus, englobando cada decisão que tomou desde 1994, doutor. (...)" e prossegue dizendo que doenças ele tem e que é possível calcular inclusive como ele vai morrer. E finaliza marcando o grau de relevância das informações: "- Meus algoritmos determinam 8 tipos de perfil de consumidor."

Uma das invenções mais destacadas da tecnologia direcionada para a avaliação de risco e projeção de soluções são os algoritmos, que funcionam como modelos matemáticos de apreciação de situações sobre as quais existam informações armazenadas. Eles parecem resolver problemas relacionados exatamente ao excesso de informações armazenadas em bancos de dados, com as quais foi se tornando impossível lidar a partir dos sistemas de análises de bancos que continham poucas linhas.

Esta operação acaba encurtando o tempo de resposta e a carga de trabalho, favorecendo a tomada de decisões a partir de resultados decorrentes de tais modelos matemáticos. Contudo, nem sempre as decisões requerem tantas análises de dados, e mais do que isso, tais análises são orientadas por um princípio muito em voga na contemporaneidade, que é o princípio da precaução. Ele é acionado quando não há certeza científica sobre determinada situação de risco, reunindo para formar o processo decisório orientado matematicamente muitas suposições oriundas de teorias desenvolvidas em outros séculos, no âmbito de paradigmas científicos superados (Zackseski, 2021).



RELICI

No filme existem dois momentos em que a cientista mulher lida com o tempo de forma curiosa, expondo alguns pontos das nossas rotinas afetadas pela tecnologia. No primeiro ela faz a contagem do tempo para a colisão do cometa através de um aplicativo de dieta, pois a dieta termina no dia do fim do mundo, e isso lhe permite acompanhar os segundos que faltam para a colisão, e para o fim do seu suplício inteiro, simbolizado jocosamente no emagrecimento. No segundo momento ela discute com o namorado por telefone e ele, ao não entender o que está se passando, atribui as desavenças entre eles pelo fato dela não gostar da mãe dele. Então ela marca para ver a mãe do namorado dali a 7 meses.

As mulheres

A mulher cientista se irrita antes que o homem com o fato de que as pessoas não percebiam a gravidade da situação. Ela é vista como um ser desequilibrado e histérico, que necessita estabilização de seus impulsos e controle da sua força (Lombroso & Ferrero, 1903).

O cientista homem se vê na posição de lutar com as armas dos outros, pelo deslumbramento e posição de prestígio que alcança. Muda o visual, abandona a família e a seriedade da profissão, até mesmo servindo como garoto propaganda de um número de telefone para atendimento de desesperados criado para tirar as dúvidas da população, como um CVV (Centro de Valorização da Vida). Ele agora "está andando com gente grande".

A mulher se mantém mais íntegra, talvez justamente por ter sido preterida. Ela perde a credibilidade, o namorado e é considerada uma ameaça, até pelos próprios pais, que literalmente fecham a porta na cara dela depois que já não tem mais aonde ir. Eles se justificam: "- Nós queremos os empregos que o cometa vai trazer." Ela é capturada, algemada, vendada, isolada várias vezes, até mesmo em



RELICI

uma sala da Casa Branca que parece um depósito, sem banheiro, onde permanece num determinado momento, com um homem negro (Teddy Oglethorpe), enquanto seu companheiro branco é libertado. Ou seja, enquanto o “doutor” branco pode conversar com as autoridades, circular em reuniões e dar entrevistas, ela é relegada ao porão das minorias, com restrição de interlocutores e, portanto, de poder. Mais tarde se junta a um bando juvenil. Nada de gente grande!

Até mesmo nas reportagens que saíram na mídia brasileira sobre o filme trazem distinções preconceituosas entre os acadêmicos que fazem a descoberta do cometa. Leonardo DiCaprio é referido como Dr. Randall Mindy e Kate Didiasky (Jennifer Lawrence) é referida apenas pelo nome, talvez por não ser doutora ainda, (<https://www.uol.com.br/splash/noticias/2021/12/27/nao-olhe-para-cima.htm> - Acesso em 28/12/2021) embora existam maneiras de fazê-lo, como chamá-la de doutoranda ou mestre (que aqui é o estado de titulação acadêmica anterior).

É significativo também o fato de que o cometa é batizado com seu nome – Didiasky – e que esse mesmo seja o nome do apocalipse. Ela descobre e se converte, ela mesma, no perigo da sua descoberta. Assim, podemos perceber que nem mesmo quando a mulher está numa posição de poder essa posição lhe é sempre favorável.

Didier Fassin desenvolve, também em diálogo com Michel Foucault – especialmente sobre a categoria biopolítica –, o conceito de biolegitimidade. Na leitura de Fassin, Foucault considera biopolítica o controle de populações por meio de várias tecnologias, como: "La demografía y la epidemiología o pla planificación familiar y la salud pública" (2018, p. 18). E o momento pandêmico nos atrai para esta ideia. Mas segundo Fassin, mais do que biopoder, o que caracteriza o ethos das sociedades ocidentais é a biolegitimidade, marcada pela desigualdade tanto em termos quantitativos (duração) quanto qualitativos (condições de vida).



RELICI

La vida, el cuerpo, la moral (no las instituciones, los partidos, las elecciones). Repolitizar el mundo es desplazar la mirada de las formas de la política hacia su materia. La política es lo que transforma las vidas, actúa sobre los cuerpos, pone en movimiento la moral. Entonces, la cuestión de la democracia ya no se plantea con exclusividad en términos de representantes y gobernantes, sino de igualdad y justicia, de trato de los extranjeros y las minorías, de respuesta a los problemas de desempleo y la pobreza, de reconocimiento de las formas de violencia y dominación ejercidas en la sociedad. (Fassin, 2018, p. 21).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

"Vamos dar o fora daqui! Parece um hospício!", diz a cientista referindo-se ao gabinete da Presidenta dos EUA. Além do contexto norte-americano recente, muitos espectadores identificaram as insanidades retratadas no filme ao que ocorreu no Brasil na última gestão presidencial, mas ao que tudo indica, olhando para todas as direções, esse não é exatamente um problema localizado. Existe um desequilíbrio planetário que imprime dinâmicas dentro-fora deste e já de outro mundo. O filme retrata os critérios de seleção daqueles que se salvaram, deixando vagos alguns lugares da nave que transportou os escolhidos para outro planeta. A propósito, Fassin chama atenção para as novas formas da arte de governar a partir das quais podemos identificar seu conteúdo político: "En definitiva, quién debe vivir y en nombre de qué es una cuestión política" (2018, p. 37)

O filho da Presidenta dos EUA faz uma prece no lançamento dos DEABS pelas coisas que se perderão no impacto do cometa com a Terra. Trata-se de um ponto de ligação interessante entre o que Guy Debord (1967) chama de sociedade do espetáculo, já mencionada aqui no trecho sobre a mídia, mas desta vez no sentido da relação que ele estabelece entre a categoria "fetichismo da mercadoria" da teoria marxista e um certo tipo de sociedade. Como diz Wagner Madoz: "Debord explica que o espetáculo é uma forma de sociedade, em que a vida real é pobre e fragmentária e os indivíduos são obrigados a contemplar e a consumir passivamente as imagens de tudo o que lhes falta em sua existência real" (2020, p. 28). A



RELICI

Sociedade do Espetáculo, neste sentido, parece ser o livro de cabeceira do roteirista, pois é este tipo de análise teórica que permite ligar as desimportâncias da vida capitalista ao insucesso de nossa empreitada como humanidade. Entretanto, Lipovetsky e Serroy atualizam as definições de Debord ao caracterizarem a sociedade atual como sendo a do hiperespetáculo, na qual o estrelato não é mais o lugar reservado para poucas figuras ilustres, pois hoje, segundo eles, ninguém escapa do *star-system*. Eles fazem referência inclusive a uma "economia do vedetismo" (Lipovetsky & Serroy, 2015, p. 162), descrevendo como a sociedade do hiperespetáculo conseguiria unir aspectos econômicos, o entretenimento e a sedução, tratando todos os temas como divertimento.

A importância das coisas não é claramente expressa pelas pessoas em palavras, como no filme, mas sim em atitudes quando fazemos algumas escolhas. No que se refere às questões vinculadas à lógica punitiva, Lucas Villa (2021) retoma autores da filosofia e do abolicionismo penal para detalhar a ideia de que se queremos abolir a violência do sistema de controle, temos que começar por nós, contendo nossa própria crueldade. Pensando nos nossos cotidianos, uma caricatura disso é a cena na qual a jornalista Brie, coerente na superficialidade, escolhe continuar bebendo e falando mal dos outros até o mundo acabar.

Coisas cultuadas voam pelos ares. A representação dos valores contemporâneos, dos signos e significados contidos na narrativa do filme é um ponto de destaque, ainda que breve, pois voam celulares, *skates*, cigarros, computadores, bolsas "de marca", cabos USB (quem nunca "surtou" ao se dar conta que estava sem o seu carregador?!).

Os *smartphones* parecem de fato ser mais importantes que as pessoas pelo tipo de ligação que eles propiciam com outras pessoas e com outras coisas. Eles concentram nossas imagens, anotações, notícias, leituras, recordações e projetam



RELICI

nossas possibilidades afetivas e profissionais. Contudo, Bauman (2008) adverte que esta ligação virtual com os outros é descompromissada, é volátil e foi sendo transformada em novas formas de violência, como o chamado "cancelamento", que é um curioso tipo de violência individual simbólica onde a pessoa com a qual se quer interromper o diálogo é bloqueada, muitas vezes sem explicações ou despedidas. Mas esses aparelhos, de alguma maneira, fazem com que nos sintamos no mundo, e proporcionam contatos e informações impensáveis há uma década. Podemos ver ao vivo a intimidade dos outros, inclusive, e muitos pais usam como castigo para os filhos a abstenção do uso de celulares, que deve equivaler hoje ao antigo trancar no quarto escuro.

Essa diferença entre os recursos e utilidades do ver e do não ver é explorada no filme. *Smartphones* são atalhos da informação, mas são tratados como facilitadores do conhecimento. Em tese não precisamos mais saber o que é fácil consultar na Internet, e assim vamos perdendo habilidades simples como fazer cálculos, escrever à mão, lembrar das coisas, chegar aos lugares, e tornando-nos cada vez mais tecno-dependentes e entregues aos ditames desta indústria de meia dúzia de meninos ricos sem preocupação social.

Olhar para cima não significa entender que o impacto vai acontecer, e sim que esse olhar pode mudar o curso da vida e da própria história. E o difícil do campo científico, muitas vezes visto e referido como o lugar das vaidades, é que muitas vezes a gente torce para não ter razão, para que nossas previsões catastróficas tenham sido um grande engano. É como quando o cientista homem vê o cometa "assassino de planetas" se aproximando e descobre que tinha mesmo razão: "- É maravilhoso e assustador ao mesmo tempo!"

O filme mostra que não é verdade aquilo que nós acreditamos simplesmente por acreditar ou sermos convencidos daquilo, por conveniência ou interesse. Porém,



RELICI

como categoria, é possível reafirmarmos a profecia autorrealizável: é verdade que o simples acreditar produz consequências. No caso, acreditarmos que o mundo não vai acabar, e comportar-nos de forma descompromissada com a existência desse mundo, seja por ignorância ou ganância, pode produzir de fato o seu fim.

REFERÊNCIAS

BARATTA, Alessandro. Criminologia crítica e crítica do direito penal. Rio de Janeiro: Revan, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. Globalização: as consequências humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. Vida para o consumo. A transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BECKER, S. Howard. Segredo e truques da pesquisa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BERGALLI, Roberto. Relaciones entre control social y globalización: Fordismo y disciplina. Post-fordismo y control punitivo. In. Sociologias, Porto Alegre, ano 7, n. 13, jan/jun/2005, p. 180 - 211.

DE GIORGI, Alessandro. Tolerancia cero: Estrategias y prácticas de la sociedad de control. Barcelona: Virus, 2005.

DEBORD, Guy. A Sociedade do Espetáculo.

FASSIN, Didier. Por una repolitización del mundo. Las vidas descartables como desafío del Siglo XXI. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2018.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. A estetização do mundo. Viver na era do capitalismo artista. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.



RELICI

45

LOMBROSO, Cesare; FERRERO, Guglielmo. *La Donna Delinquente, la Prostituta e la Donna Normale*. Torino: Fratelli Bocca, 1903.

MADOZ, Wagner Amorim. *A justiça como espetáculo: o julgamento do escândalo político midiático do mensalão*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2020.

RUSHE, Georg; KIRCHEIMER, Otto. *Punição e estrutura social*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos/Instituto Carioca de Criminologia, 1999.

VILLA, Lucas. *Hegemonia e estratégia abolicionista: o abolicionismo penal como negação da crueldade*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2020.

ZACKSESKI, Cristina. *La tecnología es la nueva prisión*. Barcelona: Bosch, 2021.

ZAFFARONI, Eugenio Raul. *A palavra dos mortos: conferências de criminologia cautelar*. São Paulo: Saraiva, 2012.

https://cultura.uol.com.br/noticias/44760_melhor-perder-a-vida-do-que-perder-a-liberdade-diz-queiroga-apos-nao-adotar-passaporte-da-vacina.html - Acesso em 15/01/22.

<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/mundo-passa-a-marca-de-5-milhoes-de-mortes-causadas-pela-covid-19/> - Acesso em 29/01/2022.

<https://noticias.uol.com.br/opiniaocoluna/2021/12/29/opiniaocoluna-nao-olhe-para-dentro.htm>, Acesso em 31/12/21.

<https://www.uol.com.br/splash/noticias/2021/12/27/nao-olhe-para-cima.htm> - Acesso em 28/12/2021.